



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

***DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS: UMA ANÁLISE DA
TRADUÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO NA OBRA DE NÍSIA FLORESTA***

Yasmim Andrade Lemos Pontes

Rio de Janeiro - RJ

2023

YASMIM ANDRADE LEMOS PONTES

***DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS: UMA ANÁLISE DA
TRADUÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO NA OBRA DE NÍSIA FLORESTA***

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação Português/
Literaturas.

Orientadora: Prof. Dr. Nastassja Saramago de Araújo Pugliese

RIO DE JANEIRO

2023

FOLHA DE AVALIAÇÃO

YASMIM ANDRADE LEMOS PONTES

DRE: 118192032

*DIREITO DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS: UMA ANÁLISE DA
TRADUÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO NA OBRA DE NÍSIA FLORESTA*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Data de avaliação: 27/12/2023

Banca Examinadora:

Natassja Saramago de Araújo Pugliese - Doutora em Filosofia - Docente da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Faculdade de Educação) NOTA: 10

Nome completo do Orientador – Presidente da Banca Examinadora Prof. + titulação
+ Instituição a que pertence

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (Doutora em Teoria da Literatura. Docente d
da Universidade Federal da Paraíba) NOTA: 10

Nome completo do Leitor Crítico Prof. + titulação + instituição a que pertence

MÉDIA: 10



Documento assinado digitalmente
NASTASSJA SARAMAGO DE ARAUJO PUGLIESE
Data: 06/01/2024 14:58:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinaturas dos avaliadores:

Luciana Prado

AGRADECIMENTOS

À minha avó Marly que desde sempre me repete uma frase - de seu avô: “ninguém pode tirar o conhecimento de você”, obrigada por ter feito tanto por mim nesses anos.

Aos meus irmãos Pedro Henrique e Yarlei por me mostrarem um amor que eu não sabia que existia. Espero que a minha trajetória mostre para vocês que se dedicar a algo pode mudar as suas vidas e espero, também, que vocês sejam extremamente felizes no que se propuserem a fazer, assim como eu sou.

À minha orientadora Nastassja Pugliese que me inspira desde o primeiro dia de aula. Seu Lattes ficou fincado no meu quarto por anos antes de você me orientar, sua trajetória e sua força me inspira todos os dias, quando eu crescer, quero ser igual a você. Obrigada por ter sido uma peça fundamental nessa monografia e por estar sendo a melhor orientadora que eu - e seus outros orientandos - poderiam ter. Muito obrigada.

Ao meu amor, meu namorado e marido (isso ainda soa estranho) por acreditar em mim e me ajudar a não surtar (muito) no processo de escrita da monografia. Obrigada por sempre segurar a minha barra e enxugar as minhas lágrimas e, às vezes, me cobrar de escrever. Eu falei que quando colasse grau eu ia estar casada, eu só não imaginava que seria com a pessoa mais incrível do mundo.

À minha melhor amiga Dandara que estava lá comigo na primeira reunião de pesquisa e que chegou até a monografia, muito obrigada por tudo que você fez por mim. Eu espero que brevemente possamos fazer uma noite de queijo e vinhos na minha casa, assim como a gente conversou muitas vezes sobre. Seus sonhos são os meus.

E, por último, à Deus que me ensinou que “para ter a sabedoria, é preciso primeiro pagar o seu preço. Use tudo o que você tem para conseguir a compreensão. Ame a sabedoria, e ela o tornará importante; abrace-a e você será respeitado. A sabedoria será para você um enfeite, como se fosse uma linda coroa.”

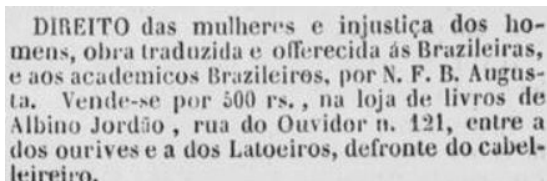
“Quero ressuscitar, no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras.”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. NÍSIA FLORESTA	13
2. SOPHIA.....	19
3. SOPHIA, GARDETON, FLORESTA.....	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

INTRODUÇÃO

"*Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*" é uma obra pioneira e, possivelmente, a primeira a abordar os direitos das mulheres no Brasil e na América Latina. Publicado pela primeira vez em 1832 pela Tipografia Fidedigma em Recife (PE), o livro não apenas destaca a desigualdade de gênero, mas também expõe a injustiça sofrida pelas mulheres. Além da edição de 1832, foram realizadas mais duas tiragens: uma em 1833, na cidade de Porto Alegre, pela tipografia de V. F. de Andrade, e outra no Rio de Janeiro, no ano de 1837, sob uma tipografia desconhecida, uma vez que não temos acesso a nenhum exemplar desta edição. A obra foi amplamente divulgada na imprensa oitocentista, há, pelo menos, sete publicações em jornais que visam a comercialização da obra, sendo assim, podemos deduzir que houve uma grande circulação da mesma entre o público:



DIREITO das mulheres e injustiça dos homens, obra traduzida e offerecida ás Brasileiras, e aos academicos Brasileiros, por N. F. B. Augusta. Vende-se por 500 rs., na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre a dos ourives e a dos Latoeiros, defronte do cabelleiro.

Imagem 1: circulação de Direitos

Ao fazer a publicação de *Direitos*, sua autora, Nísia Floresta repassa um erro ao atribuir a autoria da obra à “Mistress Godwin”, por isso, o livro foi considerado, por muitos anos, uma tradução cultural de *Vindication of the Rights of Woman* (1792), da autora inglesa Mary Wollstonecraft. Porém, em 1995, Maria Lúcia Pallares Burke em seu texto “Pela liberdade das mulheres”, revela que Nísia Floresta, na verdade, traduziu um panfleto de 1739 que tem como título “*Woman Not Inferior To Man*”, atribuído a uma autora anônima que usa o pseudônimo de Sophia, a “Person of quality”. Há uma coincidência extremamente interessante entre Sophia e Floresta: ambas foram, em algum momento, acusadas de cometer um plágio-tradução em suas obras. Em *Woman Not Inferior*, Sophia escreve um texto profundamente influenciado pela filosofia racionalista e pelo cartesianismo do filósofo francês Poulain de La Barre onde, em sua obra “*De l’Égalité des Deux Sexes*” (1673), lança um questionamento contundente sobre a crença na desigualdade entre os gêneros e a exclusão das mulheres da esfera social, atribuindo esse viés ao desprezo misógino. A obra da inglesa foi considerada por muito tempo um plágio da obra de Poulain, contudo, estudiosas como Guyonne Leduc e Jacqueline Broad enfatizaram algumas substanciais diferenças entre os dois

textos - Sophia adiciona citações do século XVIII, faz mudanças vocabulares e traz exemplos de mulheres que desafiaram o que lhe era imposto socialmente. No mesmo texto, em que revela que Floresta não traduz a obra de Wollstonecraft, Pallares-Burke assume que Floresta faz um “plágio-tradução” da obra de Sophia. Contudo, Botting & Matthews (2014) explica que o engano aconteceu porque um tipógrafo francês - César Gardeton - traduz o texto de Sophia e atribui ao trabalho o nome de casada de Mary Wollstonecraft, mudando seu título de *Woman not Inferior to Man* (1739) para *Les Droits Des Femmes et L'injustice Des Hommes* (1826). Dessa forma, hoje, sabemos que a versão que Nísia Floresta tinha em mãos era, muito provavelmente, o texto de Gardeton e Floresta simplesmente passa o erro de atribuição - à mistress Godwin - dado por ele. Podemos confirmar a hipótese comparando as duas folhas de rosto em francês e em português, que apresentam uma semelhança muito grande, um fato que também é passível de observação é que Floresta opta por não traduzir o posfácio oferecido no livro em francês “*L’instruction sert aux femmes à trouver des maris*”¹

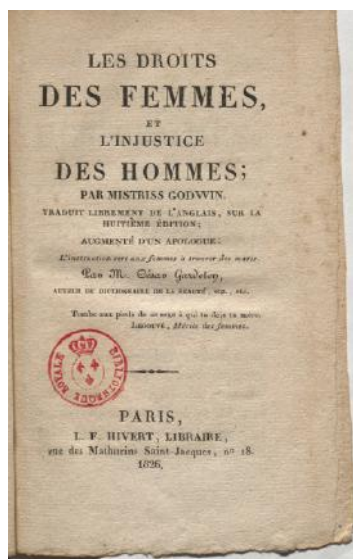


Imagem 2: Gardeton

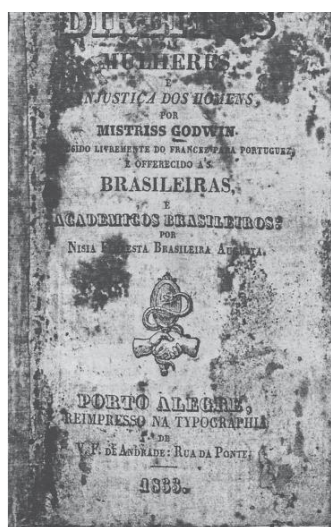


Imagem 3: Floresta

Antes de abordar o principal objetivo deste trabalho, é fundamental discorrer sobre a relevância da preservação da obra de *Direitos*. É importante ressaltar que a única folha de rosto disponível até o momento é a mostrada anteriormente. Sendo assim é lamentável como a preservação desta obra não foi conduzida de maneira ideal, não correspondendo à importância que esse livro possui para a história das mulheres na América Latina. Portanto, antes do início

¹ A instrução ajuda mulheres a encontrar maridos

do trabalho comparativo, foi do meu desejo procurar onde estaria uma das obras do século XIX para que houvesse algum movimento de salvaguarda desse patrimônio.

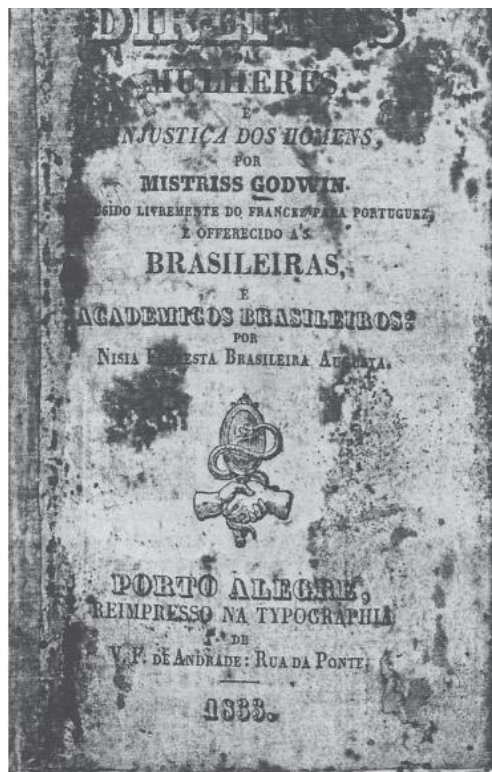


Imagem 4: Direitos

A folha acima é fruto da pesquisa realizada por Duarte (1989) que, para sua tese de doutorado, foi à procura do livro de Floresta. No capítulo intitulado "O Propósito deste Livro", Duarte (1989) relata a complexidade envolvente na busca pela referida obra, destacando a sua incursão em diversos acervos bibliográficos pelo Brasil. No entanto, seus esforços resultaram em vestígios da criação de Floresta apenas em duas dessas instituições: a Biblioteca Nacional e a Biblioteca de Porto Alegre. A lamentável constatação foi de que, mesmo nesses respeitadas estabelecimentos, a obra se encontrava ausente. Na Biblioteca Nacional, até o ano de 1930, haviam sido contabilizados dois exemplares, enquanto que em Porto Alegre, um único exemplar resistiu até 1940. Importa destacar que, considerando o período posterior a essas datas, a pesquisa de Duarte esbarrou na impossibilidade de acesso ao conteúdo por intermédio destas instituições. Porém, ela nos conta por meio de seu prefácio

“quando já havia reduzido o afã da pesquisa, conformada em apenas citá-lo como uma página distante e perdida de nossa história, eis que ele, como

que desencanta e surge - amarelecido, sobrevivente de uma luta contra o tempo, roto nas margens, maltratado pelos insetos - para provar que um dia existiu e testemunhar o espírito pioneiro de sua autora.” (DUARTE, 1989, p. 17)

Indubitavelmente, o relato de Duarte proporciona uma perspectiva valiosa quanto aos locais nos quais não se deve empreender a busca pela obra. No entanto, suas palavras omitem a revelação do local em que finalmente a encontrou. No desdobramento das páginas subsequentes, a obra de Floresta se apresenta em sua total integridade. Após estabelecer contato com a pesquisadora, ela compartilha um episódio revelador: um trecho inédito de "*Direitos*", até então não conhecido por ela, emergiu nas páginas de um trabalho de Maria Thereza Caiuby. Mediante a indicação da professora, Duarte foi orientada a procurar uma terceira pessoa, detentora do livro de Floresta em sua coleção particular. A conexão com este terceiro indivíduo revelou-se um passo crucial, já que, uma fotocópia de "*Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*" foi gentilmente cedida por essa fonte, pavimentando o caminho para a publicação de uma nova edição pela Editora Cortez. Essa publicação desempenhou um papel de suma importância na disseminação do legado de Nísia Floresta.

Vale ressaltar que a pesquisa empreendida por Duarte transcorreu na década de 1980, uma época em que toda a investigação demandava a presença física nos locais. Após a bem-sucedida reedição de "*Direitos*" pela editora Cortez, houve uma notável diminuição no interesse para rastrear algumas das primeiras edições da obra. No entanto, é crucial manter o entusiasmo na preservação das obras produzidas por mulheres. Nesse contexto, ao realizar uma pesquisa simples no acervo da Biblioteca Nacional Brasileira, em julho de 2022, foi efetivamente localizada uma edição, datada de 1833, do livro de Floresta, localizada no acervo raro da Instituição. Assim sendo, por meio de uma colaboração conjunta com a Cátedra UNESCO para Mulheres na História da Filosofia, Ciência e Cultura, foi formalizado um pedido para a digitalização da obra "*Direitos*". Desta forma, este esforço conjunto visa não apenas a celebração da rica contribuição feminina para a literatura, mas também a garantia da acessibilidade contínua a essa importante parcela do patrimônio cultural.

Após a conclusão da digitalização da obra na Biblioteca Nacional Brasileira, foi empreendido um minucioso trabalho de comparação entre a fotocópia enviada a Constância Lima Duarte - que a gentilmente a compartilhou - e o exemplar presente na própria biblioteca. Ambas as cópias pertencem à segunda edição de "*Direitos*", publicada em 1833 pela tipografia de V. F. de Andrade. No entanto, algumas distinções se fazem notar entre elas. A primeira e mais pronunciada reside no fato de que a fotocópia enviada por Duarte inclui uma

folha de rosto, enquanto a cópia resguardada na Biblioteca Nacional carece dessa página inicial. Outras discrepâncias surgem ao abordar as marcas e rasuras presentes nos papéis. Apesar dos esforços empreendidos para restauração pela Fundação Biblioteca Nacional, algumas marcas ainda permanecem visíveis colaborando para o sucesso da comparação :

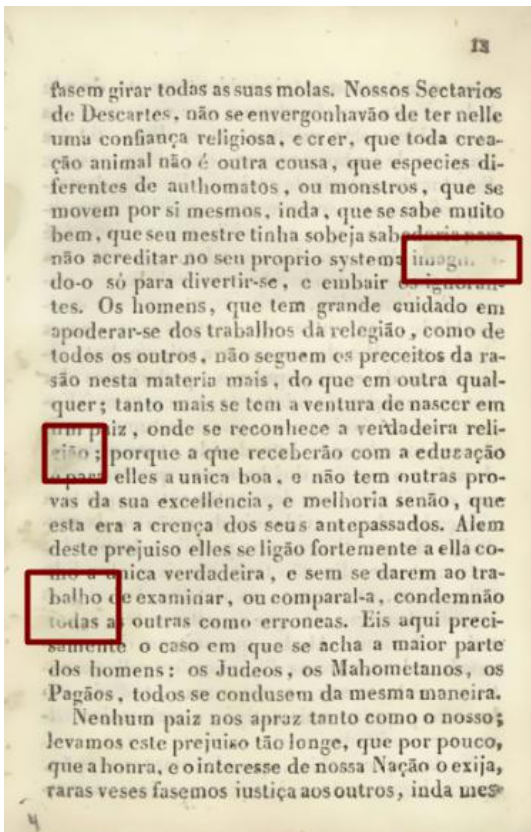


Imagem 2: Direitos disponível na FBN

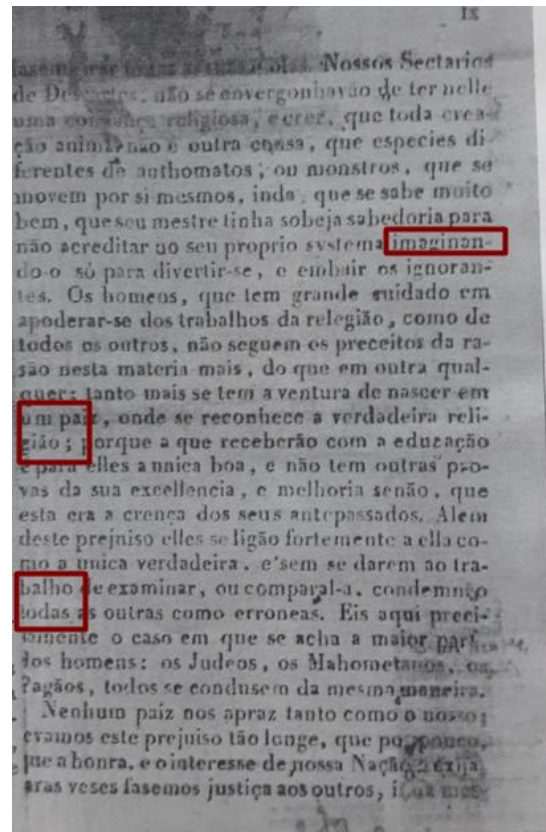


Imagem 3: Direitos - Fotocópia

Ao efetuar uma análise comparativa das páginas, a professora Nastassja Pugliesi observou que as imperfeições presentes em uma cópia não encontram correspondência na outra. Este tipo de investigação assume relevância significativa, uma vez que, ao considerarmos a possibilidade de descarte ou deterioração do papel ao longo do tempo, é plausível conjecturar a existência de um outro exemplar perdido da segunda edição de *Direitos*.

Após concluir a busca por um exemplar completo e original de *Direitos* e garantir sua preservação, a fase subsequente da pesquisa - delimitada aqui - direciona-se para a investigação da tradução empreendida por Floresta em sua obra. Na página de rosto, ela menciona que o texto é uma "tradução livre do francês para o português". No entanto, surge a pergunta: o que exatamente caracteriza uma "tradução livre"?

É possível conjecturar que, no entendimento de Floresta, uma "tradução livre" implica em uma abordagem desprovida de formalidades, permitindo-lhe transmitir as ideias do autor sem aderir rigidamente às equivalências originais. Contudo, em alguns trechos da tradução, Floresta opta por abrandar algumas palavras:

Em Gardeton:

“J’examinerai en passant, dans le cours de ce petit traité, s’il y a quelque différence essentielle entre les sexes, qui puisse justifier la supériorité que les hommes réclament sur les femmes, quelles en sont les causes, et commente il faut expliquer la différence apparente qui forme leur prétention.”

Em Floresta:

“Examinei de passagem no curso deste pequeno livro, se há alguma diferença essencial entre os sexos que possa justificar o império que os homens arrogam sobre nós, quais são as causas e como se deve explicar a diferença aparente, que forma sua pretensão.”

Floresta, opta por usar “o império dos homens” ao invés do correspondente em português que seria “a superioridade”. Obviamente, o lugar social de onde ela fala, influencia diretamente nas suas escolhas de tradução. Pensar a condição de mulher colonizada de Floresta é essencial, uma vez que a mulher brasileira do século XIX se mantinha em uma via dupla de opressão: relegada ao serviço do homem e presa ao discurso colonialista que projetava aos europeus o inconsciente da superioridade. Os outros autores falavam em uma condição social diferente: Sophia, muito provavelmente uma inglesa da burguesia, se escondia atrás de um pseudônimo; Gardeton era um homem europeu, logo, o “homem universal”, e, chega-se, assim, em Floresta, uma mulher que escreve em uma colônia portuguesa.

Dessa maneira, a análise comparativa dos textos tem como principal objetivo identificar as transformações que ocorreram nas traduções ao longo do tempo, com um foco central na compreensão das ideias cartesianas que constituem o cerne do pensamento feminista no Brasil e na América Latina. O primeiro capítulo aborda a vida, a influência, a importância e as obras de Nísia Floresta. O segundo capítulo se dedica à comparação das obras de Sophia e Gardeton, enquanto o capítulo subsequente explora as discrepâncias entre a versão de Gardeton e a tradução de Floresta. Por fim, na conclusão, serão apresentadas as considerações finais desta pesquisa.

1. Nísia Floresta

Dionísia Gonçalves Pinto, ou Nísia Floresta Brasileira Augusta, nasce em 1810 na antiga cidade de Papari, que atualmente tem como nome Nísia Floresta, no estado do Rio Grande do Norte. O início da vida de Floresta foi marcado por revoltas regionais. Sua família foi obrigada a sair do sítio Floresta durante a Revolução Pernambucana (1817), vítimas do antilusitanismo, já que o pai de Floresta era de origem portuguesa. A família de Floresta ainda volta para o Rio Grande do Norte, pós-revolta, contudo abandona definitivamente o estado por volta de 1824, e se estabelece em Olinda. Antes dessa partida, em 1823, Floresta casou-se, aos treze anos, mas esta união foi claramente sem sucesso e ela rapidamente voltou para sua família. Em 1828 o pai de Floresta foi assassinado, por ordem de um poderoso membro da elite pernambucana, segundo a própria escritora.

No mesmo ano, passou a morar com um jovem estudante da Faculdade de Direito de Olinda, Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem teve dois filhos, entre 1830 e 1833. Apenas sete meses após o nascimento do primogênito, Manuel Augusto falece, deixando Floresta para sustentar ela e duas crianças muito pequenas, o que, provavelmente, ela fez dando aula em sua própria casa. Outra rebelião regionalista e republicana interrompeu sua vida, a Guerra Farroupilha (1835-45). Por isso, em 1837, Floresta e sua família (que parece ter incluído sua mãe, irmã e meia-irmã), mudaram-se para o Rio, onde fundou a escola para meninas Collegio Augusto, ensinando e publicando por mais de dez anos.

O Colégio Augusto representou um notável avanço na educação das jovens no século XIX, destacando-se pelo seu currículo progressista, que estava à frente de seu tempo já que a lei em vigência, sancionada por Dom Pedro I, criava “escolas de primeiras letras para todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império” para ambos os sexos, contudo, determinava que meninos e meninas estudassem separados e com diferenças significativas em seus currículos. A lei previa que as meninas teriam um currículo menor: havia a exclusão das noções de geometria, limitando a instrução de apenas quatro operações aritméticas, cabia às professoras, também, ensinar as prendas de economia domésticas para elas.

Considerando as limitações dada pela lei de 15 de outubro de 1827, o colégio dirigido por Nísia Floresta representava um marco significativo na educação das jovens do século XIX, destacando-se pela sua abordagem progressista. O primeiro ponto que merece destaque é que o Colégio Augusto estava entre um dos primeiros colégios dirigidos por uma pessoa de

nacionalidade brasileira, já que na época era muito comum a direção das instituições de ensino serem exercidas por estrangeiros:

COLLEGIO DE MENINAS NA PRAIA GRANDE.
Mmes. Sophie Mallet e Marie Trinocq de Bruyère
 tem a honra de participar ao respeitavel publico que,
 no dia 15 do corrente mez, abrirão o seu collegio de
 meninas na Praia Grande, Largo Municipal. Os objec-
 tos do ensino são os seguintes : costura e bordado, lei-
 tura, escripta, arithmetica, geographia, chronologia,
 historia, noções elementares de physica, astronomia e
 historia natural. Preço : externas 4⁰⁰ mensaes adian-
 tados; pensionistas 18⁰⁰ rs. ditos; meias pensionistas
 9⁰⁰ ditos. As lições de desenho, musica e dança, se pa-
 gão separadamente.

Imagem 4: Collegio de meninas²

Esse é apenas um dos exemplos que podemos encontrar na imprensa do século XIX. Floresta, em seu livro *Opúsculo Humanitário* (1853), tece uma crítica da presença de estrangeiros na direção desses colégios, segundo ela, as famílias imaginavam que esse aspecto traria à educação um apurmo, mas na verdade, esses estabelecimentos sofriam com a precariedade de diretores despreparados, já que muitos deles não tinham formação adequada para ministrar tal cargo. Para Floresta, as escolas brasileiras são dirigidas por “pessoas sem aptidão necessária ao desempenho do mais melindroso emprego entre os povos civilizados”.

A educação das moças girava em torno do ensino de língua estrangeira e trabalhos manuais, contudo, não é isso que acontece no Colégio Augusto. De tempos em tempos, Floresta promovia uma premiação entre as suas alunas, nela, podemos observar as disciplinas oferecidas em sua escola: história moderna, cosmographia, latim, aritmética, gramática e tradução de português, italiano e francês. Entre as propagandas presentes nos jornais, nenhuma propunha o ensino de letras clássicas para as meninas, era extremamente raro o ensino desta língua para as mulheres, uma vez que o idioma dava um alcance mais amplo para obras de pensadores europeus. Muitos consideravam o conhecimento de latim, principalmente para as mulheres, perigoso. Pois ele não dava acesso às mulheres somente aos originais clássicos, mas também as permitia entender doutrina Católica. Dessa forma, em 1847, no jornal *O Mercantil*, do Rio, um crítico se mostra extremamente descontente com o ensino desta língua para elas:

"Vamos à Rua de D. Manoel [número 20] e lancemos uma vista d'olhos sobre o Colégio Augusto, dirigido por D. Nisia Floresta Augusta. Há casas de educação que

² Jornal do Commercio - 1840 - 00005

têm o mau gosto de ensinar as meninas a fazer vestidos ou camisas. Mas parece que D. Augusta acha isto muito prosaico. Ensina-lhes latim. E por que não grego e hebraico?

Pobre diretora! Está tão satisfeita de si mesma e de seu colégio: está tão intimamente persuadida que é o primeiro estabelecimento de instrução do império, que em verdade causa dó arrancar-lhe tão suave ilusão! Disse Calderón [de la Barca, dramaturgo espanhol] em uma de suas peças: "Estranhareis porventura a quem nunca viu o sol o pensar que a lua é o mais brilhante dos astros? Escarnecereis de quem nunca visse o sol nem a lua, e vos gabasse o deslumbrante e incomparável esplendor de Vênus? Não. É, pois, natural que D. Nísia, que nunca viu senão o próprio colégio, o ponha acima dos mais [demais]. Há nesta opinião mais ingenuidade do que vaidade. Notaremos apenas a D. Floresta que se esquece um tanto do verdadeiro fim da educação, que é adquirir conhecimentos úteis, e não vencer dificuldades sem nenhuma utilidade real."

No entanto, as críticas não pareciam abalar Floresta. Em 1853, ela iniciou uma série de publicações no Diário do Rio de Janeiro que representou sua notável contribuição para a educação feminina. Foram 62 artigos críticos nos quais ela abordou a educação das mulheres em sua época e defendeu com veemência a necessidade da emancipação da mulher. Os artigos deu resultado em um livro, *Opúsculo Humanitário*, que foi publicado no mesmo ano e pode ser dividido em quatro blocos principais segundo Duarte (2010): o primeiro bloco (capítulos I ao V), apresenta a situação das mulheres nas civilizações antigas e modernas; o segundo bloco (capítulo VI ao XVI), analisa o papel da mulher na Alemanha, Grã-Bretanha, França e Estados Unidos; o terceiro (capítulo XVII ao XX) compreende o exame da autora da situação da educação no Brasil de sua época, e, por fim, o quarto e último bloco compreendido entre os capítulos XL ao LXII, Floresta apresenta um plano de educação para as mulheres brasileiras. Dessa forma, o *Opúsculo* se constitui não somente como um mero livro que visa debater sobre a condição feminina, mas um projeto pedagógico de Floresta para com a educação do seu país.

Além da publicação de *Direitos*, Floresta dispõe de uma vasta bibliografia, sendo 14 livros escritos em Português e com publicação nacional e sete divididos entre publicações em francês e italiano. podemos dividir a bibliografia da autora da seguinte forma: Obras morais, sendo elas: *Conselhos à minha filha* (1832), *Fany ou modelo das donzelas* (1847), *Daciz ou a jovem completa* (1847), *Discursos às educandas* (1847); poemas, são eles: *Lágrimas de um caeté* (1849), *Um improviso* (1885); romance, com *Dedicação de uma Amiga* (1850); Diários de viagens, com: *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* (1854), *Trois ans en Italie* (1861 ou 1864), *Suivis d'un voyage en Grèce* (1861 ou 1864); ensaios, são eles: O Brasil, O abismo sob as flores da civilização, A mulher, Viagem magnética, Um passeio aos jardins de Luxemburgo

presentes no livro *Scintille d'un anima brasiliana*, de 1859; autobiografia com *Fragments d'un ouvrage inédit* (1878); artigos, com *Passeio ao aqueduto carioca* (1854), *Páginas de uma vida obscura* (1855), *Pranto filial* (1856) e, por fim, a sua obra pedagógica *Opúsculo Humanitário*, de 1853. Apesar de ser uma das autoras que mais publicou no século XIX, a preservação digital dos trabalhos de Floresta sofre uma grande defasagem quanto a sua digitalização, infelizmente, o caso de *Direitos* relatado na introdução não é um caso isolado. Dentre os títulos citados anteriormente, a Biblioteca Nacional possui disponível para consulta presencial dez obras originais de Floresta, sendo uma dessas dez, *Woman* (1865), um texto originalmente publicado em italiano e traduzido pela filha de Floresta, Lívia Augusta, para o inglês, sendo assim, sendo o único trabalho em língua inglesa da autora.

Contudo, parece que a digitalização dessas obras - que já caíram em Domínio Público de acordo com a Lei nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 - ainda sofrem uma lentidão à sua disposição de forma online, muito provavelmente pela falta de integração entre a preservação (que é missão da Biblioteca) e a pesquisa (missão da Universidade). Segundo os registros da BN Digital, acessados no dia 15 de abril de 2023, apenas seis títulos foram digitalizados, ou seja, para que a obra de Floresta possa ser acessada de forma integral pelos pesquisadores brasileiro de forma digital, ainda é necessário um esforço direcionado. No esquema a seguir podemos observar as obras que estão disponíveis de forma presencial e as que podem ser consultada digitalmente:

Título da obra	Presencial	Digital
A lagrima de um caheté. /. Rio de Janeiro: Typographia de L. A. F. de Menezes,, 1849.. 39		
Consigli a mia figlia. Firenze: Stamperia sulle Logge del Grano, 1858. 56 p.		
Conselhos a minha família. 1845: [s.n.].		
Direitos das mulheres e injustiça dos homens/. [2. ed.]- Porto Alegre:: Na Typographia de V. F. de ..., 1833.. xv, 56p.		
Discurso que as suas educandas dirigio... em 18 de dezembro de 1847. Rio de Janeiro, Typ. imparcial de F. de Paula Brito, 1847: [s.n.]. 6 p.		

Itinerário de uma viagem à Alemanha. Natal: EdUFRN, 1982. 116p.		
Le Brésil ... Paris, A. Sagnier, 1874: [s.n.].		
Opusculo humanitario por B. A. [pseud.]. Rio de Janeiro, Typ. de M. A. Silva Lima, 1853: [s.n.].		
Sept lettres inédites d'Auguste Comte a mme Nisia Brasileira. Rio de Janeiro, Siège central de l'apostolat positiviste du Brésil, 1886: [s.n.].		
Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce, par Une Brésilienne [pseud.] ... Paris, E. Dentu, 1864-: [s.n.]. 2 v.		
Woman. London: G. Parker, 1865. 31 p.		

Tabela I: obras de Nisia Floresta disponíveis na Biblioteca Nacional (digital e presencial)

Portanto, é imperativo dedicar esforços para evitar que o mesmo destino que acometeu o livro *"Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens"* se repita com outras obras de Floresta. Este livro, de importância crucial para a compreensão do início do movimento feminista no Brasil e na América Latina, permaneceu perdido por anos. As demais obras de Floresta nos conduzem a uma profunda reflexão sobre como uma mulher do século XIX pôde advogar pela emancipação feminina por meio do conceito de "mãe-educadora".

Floresta expressa explicitamente sua crença de que a educação feminina é essencial para o fundamento moral da sociedade e, portanto, da prosperidade espiritual e material de cada nação. Ela também destaca a importância dos primeiros anos de desenvolvimento infantil, afirmando que “a educação para ser perfeita, deve começar no berço” (*Opúsculo* p. 94), e como a mãe passa mais tempo com o bebê, ela deve ser uma pessoa virtuosa e mulher educada.

É nesse sentido que Floresta começa a desenvolver sua ideia de mãe-educadora (Project Vox, 2022), em *A Mulher*, ela escreve: “Quando a sociedade for bem ordenada, a mãe será o único diretor e o único mestre dos próprios filhos, até a idade em que a razão dele mostrar-se formado.” (p. 143). No *Opúsculo*, porém, ela defende especificamente a ideia de as mães educarem as suas filhas, e no que diz respeito aos filhos, ela descreve apenas a responsabilidade de ambos os pais em estabelecer um bons exemplos para eles, também sobre a educação dos meninos Floresta considera que é responsabilidade das mães quebrar o ciclo

de opressão feminina. Ela enfatiza a importância de ensinar os meninos a respeitar e valorizar as mulheres desde cedo, observando que: “o ensino da igualdade que deve reinar entre homem e mulher começa neles na relação às próprias irmãs em seus jogos infantis”. No entanto, este ponto de vista isenta os homens de parte da culpa pelo tratamento de superioridade para com as mulheres. O que é mais notável na representação que Floresta faz da opressão das mulheres é que ela frequentemente reiterou a acusação feita por Sophia de que os homens deliberadamente impediram as mulheres de negando-lhes uma educação e encorajando os mesmos erros que eles tanto criticam. Ela observa como os homens são fracos: “bradam e gritaram contra os defeitos que eles mesmos enxertaram aquele sexo” (A mulher, p. 125).

É possível identificar dois papéis básicos na visão de maternidade da Floresta: os deveres da maternidade - mãe-educadora - e o papel de guardiã moral e regeneradora de um homem, duas posições que através deles as mulheres podem alcançar o seu grande valor na sociedade. Todos os escritos de Floresta sobre as mulheres revelam este conceito central do valor potencial da sua posição no coração da família. Para Floresta:



Figura 1: pilares femininos para Floresta

Como esposa, a mulher deve ser uma amiga devotada, uma pessoa necessária e inseparável companhia ao marido, e ela deve garantir que felicidade, harmonia, limpeza e domínio econômico em sua casa. Uma boa esposa deve: “sacrificar a seus esposos toda a aventura de sua vida, antepondo à sua inconstância ou à sua dureza a incessante prática das virtudes.” (Opúsculo, p. 104) Porém, a mais importante das tarefas das mulheres, para Floresta, é a maternidade: “mais doce, mais nobre, mais relevante obra a cumprir.” (A Mulher, p. 139). O conceito fundamental por trás da visão de mãe-educadora está o de mulher como produtora de cidadãos.

Diante disso, enquanto Sophia concentra sua atenção nas dinâmicas femininas no contexto público, Floresta direciona seu foco para a exploração do papel da mulher no âmbito privado. Essas abordagens complementares oferecem uma visão mais abrangente e

complexa da experiência feminina, destacando a diversidade de desafios, expectativas e realizações em diferentes esferas da vida. Juntas, as perspectivas de Sophia e Floresta enriquecem o entendimento sobre o papel da mulher na sociedade, ressaltando a importância de considerar tanto o espaço público quanto o privado para uma compreensão mais completa e inclusiva da condição feminina.

2. Sophia

O impacto da obra de Sophia - *Woman Not Inferior to Man* - foi tão significativo que reacendeu o movimento da Querelle des Femmes, que para Deplagne (2021):

Foi debate literário e político sobre a natureza feminina, a representação das mulheres nos discursos oficiais e a diferença entre os sexos, iniciado no limiar do século XV, na França, e que se estendeu por aproximadamente quatro séculos. (DEPLAGNE, 2021, p. 1)

Pouco tempo após sua publicação, surgiu uma resposta à obra de Sophia, intitulada *Man Superior to Woman*, publicada também em 1739 por um autor que se autodenominou "Gentleman". Na página de rosto dessa obra, ficava explícito o objetivo principal: "Answer to that celebrated treatise entitled Woman not Inferior to Man." Em um esforço para continuar o diálogo, Sophia retornou às prensas em 1740 com uma nova obra, *Woman's Superior Excellence over Man*.

É relevante observar que, embora o segundo livro também tenha sido atribuído a uma Sophia - a young lady -, não podemos afirmar com certeza que se trata da mesma autora. Deve-se considerar a possibilidade de que outra autora - ou mesmo autor - tenha respondido ao texto do "Gentleman." Para uma análise mais precisa e uma compreensão mais profunda da relação entre *Woman Not Inferior to Man* e *Woman's Superior Excellence over Man*, seria necessário um estudo minucioso e comparativo dessas duas obras.

A identidade de Sophia continua sendo um intrigante mistério, uma vez que não existem provas concretas que revelem sua verdadeira identidade. O que sabemos com certeza é que essa escritora pertencia a uma classe social privilegiada, dado o seu acesso a textos clássicos que enriqueceram sua obra. Além disso, era uma mulher instruída, habilidosa na leitura e escrita, o que, no século XVIII, era uma raridade, especialmente para o gênero feminino.

Embora o nome de Lady Mary Wortley Montagu tenha sido aventado como uma possível candidata a ser Sophia, também existe a possibilidade de que Sophia seja o

pseudônimo de Madame de Puisieux. Na Biblioteca Nacional da França, encontramos uma das variações de *Woman not Inferior to Men*, atribuída à autora francesa. A verdadeira identidade de Sophia permanece, no entanto, um enigma que desafia a pesquisa histórica até os dias de hoje.

Apesar do mistério que envolve sua autoria, é notável o interesse constante dos tipógrafos em relação a essa obra. Isso se evidencia através do considerável número de reimpressões e novas edições do texto ao longo do tempo. Em 1740 há, pelo menos, três edições³ de *Woman Superior Excellence Over Man*, que são as reedições do mesmo texto escrito por Sophia; Em 1743, os dois panfletos escritos por Sophia - *Woman not Inferior to Man* e *Woman Superior Excellence Over Man* - foram editados juntamente com o título de *Beauty's Triumph; or, The Superiority of the Fair Sex Invincibly Proved*. Em 1750, o texto é traduzido para o francês e tem a sua atribuição a francesa Madame de Pousiex; Em 1751, os dois panfletos escritos por Sophia que foram editados juntamente na língua inglesa, ganhou a sua versão para o francês e essa edição também é atribuída a francesa Pousiex - com o título *Le Triomphe des Dammes*; Em 1826, há mais uma tradução em francês, dessa vez atribuída a “Mistress Godwin”, o nome de casada de Mary Wollstonecraft denominada *Le Droits des Femmes et l' Injustice des Hommes*; Por fim, em 1832, a obra de Sophia é traduzida para o português e é, também, atribuída à “Mistress Godwin”, dessa vez, com o título *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*.

A obra mencionada acima, traduzida por Nísia Floresta, desempenhou um papel fundamental na fundação do pensamento feminista no Brasil e na América Latina. Portanto, é crucial estabelecer uma comparação que nos permita compreender o impacto da obra de Sophia, fortemente influenciada por Poulain de la Barre e Descartes (Pugliese, 2022) na evolução do feminismo no Brasil.

Embora haja distinções gerais notáveis, este texto tem como objetivo uma análise mais específica das três obras, optando por destacar palavras que carregam significados semânticos positivos ou negativos. Entre as palavras escolhidas com conotação positiva, encontram-se "capable," "justice," "authority," "superiority," "virtue," "ability," "judgment," "rights," "dignity," e "tyrannical." Entre as palavras com conotação negativa, incluem-se "injustice," "ignorance," "prejudice," "usurpation," "servitude," "slaves," "oppression," e "vicious". Sendo assim, o esquema se apresenta da seguinte forma:

³ Nas buscas feitas nos acervos online, só foram encontradas essas duas variações da obra. Contudo, Leduc (2022) indica que há mais uma onde a autora não se denomina mais Sophia “a person of quality”, mas sim por “a young lady”



Figura 1: hierarquia das palavras

De maneira geral, a análise comparativa das palavras utilizadas por Poulain e Sophia reforça a teoria de Jacqueline Broad sobre a autora anônima adotar um feminismo mais veemente. Como sugerido por Leduc (2021), Sophia escolhe deliberadamente palavras com conotação negativa em seu texto para acentuar o ponto de vista sobre a mentalidade masculina em relação às mulheres.

Há três palavras extremamente importantes que não aparecem no texto de Poulain, mas aparecem em Sophia, são elas: superioridade, tirânico e opressão. Para Leduc (2015), essa escolha vocabular feita por Sophia, a faz mais ser mais negativamente inclinada à injustiça dos homens perante às mulheres do que Poulain.

Portanto, apesar da notável influência do texto de Poulain sobre o trabalho de Sophia e, posteriormente, na base do feminismo no Brasil, há distinções consideráveis. Nesse sentido, é pertinente estabelecer uma comparação entre o texto de Sophia e a tradução realizada pelo tipógrafo Cesar Gardeton, a fim de compreender como o texto de Sophia chegou às mãos da filósofa brasileira Nísia Floresta.

3. Sophia, Gardeton, Floresta

A frequência de palavras entre Sophia e Gardeton apresentam resultados parecidos, ou seja, o tipógrafo francês tentou seguir o mesmo “feminismo estridente” (Broad, 2021) que Sophia:

GARDETON	FREQ	SOPHIA	FREQ	FLORESTA	FREQ
-----------------	-------------	---------------	-------------	-----------------	-------------

capable(s)	34	capable	23	Capaz	11
justice	15	justice	18	justiça	17
autorité	15	authority	13	autoridade	16
supériorité	14	superiority	11	superioridade	11
vertu	12	virtue	15	virtude	18
injustice	10	injustice	6	injustiça	7
capacité	8	able	16	capacidade	9
ignorance	7	ignorant	2	ignorante	3
jugement	6	judge	10	juíz	9
injuste	6	injustice	6	injustos	4
préjugés	6	prejudice	17	preconceito	0
usurpation	4	usurpation	5	usurpação	8
droits	12	right	25	direito(s)	21
servitude	4	slavery	1	escravidão	1
dignité	3	dignity	9	dignidade	7
tyrannique	3	tyrannical	1	tirânico/tirania	3
esclaves	2	slaves	2	escravo(s)	2
oppression	2	oppression	2	opressão	1
vicieux	2	vicious	2	vício	2

Tabela II: Frequência das palavras

De modo geral, os vocabulários se assemelham não havendo diferenças muito drásticas quanto às escolhas das palavras analisadas (Soares, 2017). É importante destacar que há uma diferença de quase um século do texto de Sophia para o de Gardeton, então, possivelmente isso também influenciou na obra da autora inglesa. Os textos também apresentam diferenças em suas estruturas: em Sophia e Gardeton há uma diferença quanto à numeração dos capítulos; e em Gardeton e Floresta a autora escolhe incluir uma dedicatória

aos acadêmicos brasileiros, além de optar por não traduzir o posfácio que se encontra na versão em francês - "*L'instruction sert aux femmes à trouver des maris.*"

Algumas palavras seguem um padrão de uso semelhante, diferenciando-se apenas em contextos específicos (Soares, 2017). Contudo, há termos que se destacam de forma notável, demandando uma análise mais minuciosa devido à sua relevância e à maneira como são empregados nas obras em questão.

Comparando um trecho que usa as palavras “opressão”. “injustiça” e “autoridade”, temos:

Sophia	Gardeton	Floresta
<p>If they did but give themselves the leisure to trace things back to their fountain-head, and judge of the sentiments and practices of Men in former ages, from what they discover in their own times, they wou'd not be so open as they are to errors and absurdities in all their opinions. And particularly with regard to Women, they wou'd be able to see that, if we have been subjected to their authority, it has been by no other law than that of the stronger: And that we have not been excluded from a share in the power and privileges which lift their sex above ours, for want of natural capacity, or merit, but for want of an equal spirit of violence, shameless injustice, and lawless oppression, with theirs.</p>	<p>S'ils voulaient se donner la peine de remonter jusqu'à la source des choses, et juger des sentiments et de la pratique des hommes des premiers siècles par ce qu'ils decouvrent dans le leur propre, ils ne donneraient pas tête baissée, comme ils font, dans l'erreur et dans les absurdités. Pour ce qui regarde les femmes en particulier, ils seraient en état de voir que si nous avons été assujéties à leur autorité, ce n'a été que par, la loi du plus fort; et si on nous a privées de la puissance et du privilège qui mettent leur, sexe au-dessus du nôtre, ce n'a pas été faute de capacité naturelle et de mérite, mais faute d'un égal esprit de violence, d'une injustice ouverte et d'une oppression illégitime comme eux.</p>	<p>Se quisessem dar-se ao trabalho de remontar à origem das coisas e julgar os sentimentos e práticas dos homens dos primeiros séculos, pelo que descobrem em si mesmos, não se curvariam, como fazem, ao erro e absurdo; porque, olhando as mulheres em particular conheceriam que se temos sido sujeitas à sua autoridade, tem sido somente pela lei do mais forte; e se somos privadas do poder e privilégio, que põe seu sexo acima do nosso, não é por falta de capacidade natural e de merecimento, mas sim por falta de um igual espirito de violência, de uma injustiça manifesta e de uma opressão ilegítima, como a deles. Se este sexo altivo quer fazermos acreditar que tem sobre nós um direito natural de superioridade, por que não nos prova o privilégio, que para isto recebeu a Natureza, servindo-se de sua razão para se convencerem?</p>

Tabela III: Comparação de textos

Embora as palavras selecionadas sejam as mesmas nos textos de Sophia, há algumas diferenças na construção sintática deste trecho. Notavelmente, Sophia utiliza "former ages," enquanto Gardeton e Floresta optam por "homens dos primeiros séculos." Além disso, no período subsequente, há uma inversão feita por Gardeton e Floresta que não está presente no texto de Sophia: "from what they discover in their own times, they would not be so open as they are to errors and absurdities in all their opinions."

No entanto, o aspecto mais destacado na comparação deste trecho é o uso do termo "lawless" (sem lei) por Sophia, enquanto Floresta e Gardeton empregam o termo "ilegítima" - que, em tese, são sinônimos mas mudança vocabular é interessante.

Ao comparar um trecho da introdução em Gardeton e Floresta e o correspondente em Sophia, que é no caso, o capítulo I, temos a palavra "superiority":

Sophia	Gardeton	Floresta
Was their ambition laudable and just, it would be consistent in itself, and this consistency would render them alike imperious in every circumstance, where authority is requisite and justifiable: And if their brutal strength of body entitled them to lord it over our nicer frame, the superiority of reason to passion, might suffice to make them blush to submit that reason to passion, prejudice, and groundless custom. If this haughty sex would have us believe they have a natural right of superiority over us, why do not they prove their charter from nature, by making use of reason to subdue themselves.	Si leur ambition était louable et juste, elle serait d'accord avec elle-même, et cette conséquence les rendrait également impérieux dans toutes les occasions où l'autorité est nécessaire pour se soutenir. Si la force extérieure du corps était pour eux un titre suffisant, pour dominer sur nous qui sommes d'une constitution plus délicate, la supériorité de la raison sur la passion devrait les faire rougir de soumettre cette raison à la passion, aux préjugés et à une coutume sans fondement. . Ce sexes hautain veut-il nous un droit naturel de supériorité? Que ne nous un droit naturel de supériorité? Que ne nous prouve-t-il le privilège qu'il en reçu de la nature, en se servant de	Se a ambição deles fosse louável e justa, seria de acordo consigo mesmo, e esta consequência os tornaria igualmente imperioso, em todas as ocasiões em que a autoridade é necessária para se sustentar. Se a força exterior do corpo fosse para eles um título suficiente para dominar sobre nós, que somos de uma constituição mais delicada, a superioridade da razão sobre a paixão deveria fazê-los envergonhar de submeter esta razão à paixão, aos prejuízos e a um costume sem fundamento. Se este sexo altivo quer fazernos acreditar que tem sobre nós um direito natural de superioridade, por que não nos prova o privilégio, que para isto recebeu a Natureza, servindo-se de sua razão

	sa raison pour se vaincre lui-même?	para se convencerem?
--	--	----------------------

Notam-se diferenças notáveis na estrutura do início do parágrafo entre Sophia e Gardeton. Sophia opta por usar dois pontos, enquanto Gardeton escolhe um ponto final. Além disso, Sophia utiliza a expressão "brutal strength of body," que é traduzida por Gardeton como "force extérieure du corps." Gardeton transforma a pergunta retórica e indireta de Sophia sobre o uso natural da superioridade em três perguntas retóricas diretas, o que acarreta em uma modificação significativa na estrutura e na argumentação do texto. No caso da tradução de Floresta, é verdade que ela se assemelha ao texto de Gardeton, contudo, a autora também realiza modificações no texto, substituindo as três perguntas propostas por Gardeton por apenas uma.

Para Broad (2022), a defesa da superioridade das mulheres feita por Sophia faz parte de uma dialética mais ampla, ela usa essa argumentação para provar que as mulheres não são necessariamente superiores aos homens, mas elas nascem igual a eles por natureza e eles são feitos superiores pelo costume. Para ela, as mulheres podem ser consideradas superiores quando vistas “por uma luz prática”, ou seja, quando olhamos para as maneiras que as mulheres se comportam na prática.

O trecho abaixo mostra o uso do termo “right” nas obras:

Sophia	Gardeton	Floresta
OF <i>Rhetoric</i> , we must be allow'd to be by nature design'd mistresses and models. <i>Eloquence</i> is a talent so natural and peculiar to <i>Woman</i> , that no one can dispute it her. <i>Women</i> can persuade what they please; and can dictate, defend, or distinguish between right and wrong, without the help of laws.	A l'égard de la rhétorique il faut convenir que nous y sommes des modèles et des maître passés. L'éloquence est un talent si naturel et si particulier aux femmes, qu'il n'y a personne qui puisse le leur disputer. Les femmes sont en état de persuader tout ce qu'il leur plaît: elles peuvent dicter, défendre et distinguer le juste d'avec l'injuste, sans le secours des lois.	Quanto à Retórica, é preciso convir que nós somos os seus modelos e mestres avaliados. A eloquência é um talento tão natural e particular às mulheres, que ninguém lhes pode disputar. Elas estão em estado de persuadir tudo que lhes apraz: podem ditar, defender e distinguir o justo do injusto sem o recurso das leis.

A autora Sophia emprega a palavra "right", enquanto o tipógrafo Gardeton opta por "juste" e, por sua vez, a autora brasileira traduz literalmente o trecho de Gardeton, sendo assim, utilizando, também, o vocábulo “justo” ao se referir ao o que as mulheres são capazes.

Sophia	Gardeton	Floresta
Sure then, if we are endow'd with a more communicative eloquence than they are, we must be at least as well qualified as they to teach the sciences; and if we are not seen in university chairs, it cannot be attributed to our want of capacity to fill them, but to that violence with which the Men support their unjust intrusion into our places; or, if not, at least to our greater modesty and less degree of ambition.	Assurément donc, si nous avons une éloquence plus communicative que la leur, nous de avons être au moins aussi capables qu'eux d'enseigner les sciences; et si l'on ne nous voit pas dans les chaires des universités, non no peut pas dire que ce soit par incapacité, mais par un effect de cette violence avec laquelle les hommes se soutiennent dans les places, à notre préjudice ; pu du moins, on doit reconnaître en cela que nous avons plus de modestie qu'eux et moins d'ambition.	Certamente se temos uma eloquência mais comunicável que a sua, nós devemos ser, ao menos como eles, tão capazes de ensinar as ciências; e se não nos veem nas cadeiras das Universidades, não se pode dizer que seja por incapacidade, mas sim por efeito da violência com que os homens se sustentam nesses lugares em nosso prejuízo; ou pelo menos deve-se reconhecer nisto, que temos mais modéstia que eles e menos ambição.

Tabela IV: Comparação de textos

Embora Sophia não faça uso direto da palavra "prejudice", ela emprega um termo relacionado à inferioridade: "unjust", por sua vez, Floresta emprega o termo equivalente em português - prejuízo - na tradução que faz.

Por fim, no trecho abaixo há o uso da palavra “dignity”, usada por Sophia, mas não por Gardeton:

Sophia	Gardeton	Floresta
And if, upon mature consideration, it appears that there is no other difference between Men and Us than what their tyranny has created, it will then appear how unjust they	Si après un examen judicieux il ne paraît d'autre différence entre les hommes et nous, que celle que leur tyrannie a imaginée, on verra combien ils sont injustes de nous	Se, depois de um exame judicioso, não aparecer outra diferença entre nós e eles mais, que a que sua tirania tem imaginado, ver-se-á o quanto eles são injustos,

<p>are in excluding us from that power and dignity we have a right to share with them; how ungenerous in denying us the equality of esteem, which is our due; and how little reason they have to triumph in the base possession of an authority, which unnatural violence, and lawless usurpation, put into their Hands. Then let them justify, if they can, the little meannesses, not to mention the grosser barbarities, which they daily practise towards that part of the creation, whose happiness is so inseparably link'd with their own.</p>	<p>refuser un pouvoir et une prérogative que nous sommes en droit de partager avec eux; combien ils sont d'une autorité que la violence et l'usurpation illégitime ont mise entre leurs mains. Qu'ils justifient donc, s'ils le peuvent, les procédés injustice, pour ne pas dire la barbarie grossière qu'ils exercent tous les jours envers une partie de la création, dont leur bonheur dépende et qui nous est inséparablement attaché.</p>	<p>recusando-nos um poder, a prerrogativa a que temos tanto direito como eles; quanto são pouco generosos disputando-nos a igualdade de estima, que nos é devida e a pouca razão que têm de triunfar sobre o fundamento da posse em que estão de uma autoridade, que a violência e a usurpação têm depositado em suas mãos.</p> <p>Justifiquem, pois, se podem, os procedimentos injustos, para não dizer a barbárie grosseira que exercem todos os dias sobre uma parte da criação, de onde depende a sua felicidade, e que nos é inseparavelmente ligada.</p>
---	---	---

Tabela V: Comparação de textos

No trecho acima, observamos a utilização de diversas palavras que foram analisadas na contagem vocabular. Isso exemplifica como ambos os autores conseguem expressar conceitos semelhantes por meio de vocabulários distintos. Contudo, nota-se que o parágrafo de Sophia demonstra uma posição mais rígida em relação aos homens, analisando as escolhas de palavras, quando comparado ao texto de Gardeton. O de Floresta, mais uma vez, se assemelha ao do francês, no entanto, a autora opta pela quebra de parágrafo e, também, opta pela mudança do tempo verbal, enquanto Gardeton usa o passado, Floresta usa o presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma jornada meticulosa em busca da obra de Nísia Floresta, documentada por Duarte (1989) em sua tese de doutorado, emerge não apenas a complexidade da procura, mas também a importância da preservação e acesso a essas obras fundamentais para a compreensão da história e do pensamento feminista no Brasil. As dificuldades encontradas por Duarte na localização do texto ressaltam a fragilidade do registro histórico, especialmente quando se trata da preservação do legado literário de mulheres pioneiras.

Embora o relato de Duarte deixe lacunas sobre a localização exata do livro, ele ressalta a colaboração e a rede de conexões que foram cruciais para finalmente trazer à luz a obra de Floresta. O relato sobre a descoberta do trecho inédito por meio da orientação de Maria Thereza Caiuby e a conexão com um colecionador particular exemplifica a importância das colaborações e do compartilhamento de conhecimento para resgatar e preservar essas obras históricas.

A transição para a era digital e a posterior digitalização da obra na Biblioteca Nacional Brasileira, em parceria com a Cátedra UNESCO para Mulheres na História da Filosofia, Ciência e Cultura, marcam um passo significativo na democratização do acesso a esses textos. A comparação entre diferentes cópias da segunda edição de "Direitos" revelou não apenas diferenças materiais, mas também sugere a possibilidade da existência de um exemplar adicional perdido, o que ressalta a importância da preservação contínua desses registros.

Além disso, a análise da tradução de Floresta revela nuances que refletem não apenas diferenças linguísticas, mas também contextos sociais e históricos distintos. O papel de Floresta como mulher em uma colônia portuguesa influenciou suas escolhas de tradução e reflete a complexidade das dinâmicas sociais da época.

À medida que esta pesquisa avança para explorar as transformações nas traduções ao longo do tempo, vislumbra-se não apenas uma compreensão mais profunda do pensamento feminista, mas também a preservação e valorização do legado dessas mulheres pioneiras. A reunião desses textos e a compreensão das nuances vocabulares e contextuais não apenas enriquecem nosso entendimento histórico, mas também nos incitam a preservar e dar visibilidade às vozes femininas que moldaram a narrativa cultural e social do Brasil e da América Latina.

REFERÊNCIAS

BROAD, Jacqueline. From Nobility and Excellence to Generosity and Rights: Sophia's Defenses of Women (1739–40). *Hypatia*, Inglaterra, V. 37, n. 1, p. 43-59, novembro, 2022.

Botting, E. H. & Matthews, C. H. Overthrowing the Floresta–Wollstonecraft Myth for Latin American Feminism. *Gender & History*, 26(1), 64–83. 2014.

FLORESTA, Nísia. *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*. In: Aguiar Bezerra, G. B. de. (Org.). Nísia Floresta Brasileira Augusta, uma mulher à frente de seu tempo. Direitos das mulheres e injustiça dos homens. S. l.: Fundação Ulysses Guimarães.

LEDUC, Guyonne. The Stylistic Desacralization of Man in Britain in the [Sophia] Pamphlets (1739 – 1740). Dynamics of Desacralization: Disenchanted Literary Talents. França: VandRunipress, 2014.

PUGLIESE, Nastassja. Elements on Women in the History of Philosophy: Nísia Floresta. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2023

POULAIN de La Barre, François. The woman as good as the man: Or, the equality of both sexes. The University of Michigan. Disponível em <https://quod.lib.umich.edu/e/eebo/A55529.0001.001?view=toc> Acesso em 02/11/2023

SOARES, Erica. Copie assumée, copie dissimulée: les racines controversées de Direitos das mulheres e injustiça dos homens de Nísia Floresta. Dissertação - Universidade Toulouse Jean Jaurès. França. 2017.

WOMAN not Inferior to Man. Londres: Printed for John Hawkins, at the Falcon in St. Paul's Church-Yard, 1739. Disponível em <https://digital.library.upenn.edu/women/sophia/woman/woman.html> Acesso em 02/11/2023

BOTTING, Helen & HAMMOND MATTHEWS, Charlote (2014) Botting, E. H. & Matthews, Ch. H. “Overthrowing the Floresta-Wollstonecraft myth for Latin American feminism.” In: *Gender & History*, vol. 26, n. 1, April, pp. 64-83.

DUARTE, Constância L. (2016) “Apresentação” de Nísia Floresta Brasileira Augusta: uma mulher à frente do seu tempo. In: FLORESTA, Nísia. Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens. Fundação Ulysses Guimarães.

DUKE UNIVERSITY. **Project Vox**, 2023. Verbete Nísia Floresta. Disponível em: <https://projectvox.org/floresta-1810-1885/> Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

FLORESTA, Nísia. Direitos das mulheres e injustiça dos homens. In: Aguiar Bezerra, G. B. de. (Org.). Nísia Floresta Brasileira Augusta, uma mulher à frente de seu tempo. Direitos das mulheres e injustiça dos homens. S. l.: Fundação Ulysses Guimarães.

MARGUTTI, Paulo. (2017) Nísia Floresta e a questão da autoria de Direitos das mulheres, injustiça dos homens. Colóquio Pensadores Brasileiros. Brasil. v. 2, n. 3, p. 5-28, dezembro.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. Mesa de abertura – III Vozes: Mulheres na História da Filosofia. Youtube, 03 de maio de 2021. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ccXYMCCVVcE> >

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. (1996) “A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta.” In: Nísia Floresta. O carapuceiro e outros ensaios da tradução cultural. S. Paulo: Hucitec, pp. 167-92.

PUGLIESE, Nastassja. Seminário de Investigadores – Nastassja Pugliese. Youtube, 10 de novembro de 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ecbkANQIEM4> >

SECCO, G. D; PUGLIESE, N. (2020) Teaching Nísia Floresta: Mapping the philosophical grounds. Rio de Janeiro (tpb)

VALADARES Peggy Sharpe. (1989) “Introdução”. In: Nísia Floresta. Opúsculo Humanitário. Edição atualizada com estudo introdutório e notas de Peggy Sharpe-Valadares. S. Paulo: Cortez Editora.